

EDITORIAL

A MEMÓRIA COLETIVA

A memória coletiva é deveras surpreendente, assinaladora. Ora nos traz fragmentos e rudimentos dos fatos, ora descortina-nos minúcias de épocas; ilumina-nos e projeta-nos ambientes, figuras, vultos, aventuras; registra-nos e evoca-nos realizações, omissões, decisões, paisagens, heroísmos anônimos ou glórias altissonantes. Por vezes, o incompreensível esquecimento para fatos e personagens, os quais, caricaturados, sem travos, se perdem inominados, anestesiados ante o cirúrgico bisturi do tempo e das lembranças.

Somos todos apegados, indissociavelmente, às recordações. Fatos do passado, marcantes ou fluidos, e que, como mariscos, prendem-se aos cascos dos barcos de nossas vivências, pelas fundas águas e rotundas voragens da mente, surgindo, assim, diariamente, teimosamente, aos portos de nossa consciência.

Lembranças convivas, ousadas, inopinadas, que surgem a cada instante, sem pedir licença, sem nenhuma avença, memórias que brotam do interior, dos rincões distanciados, por corridos atalhos. E à medida que os cabelos embranquecem, as rugas aparecem, o corpo se atrapalha, o vento das lembranças prossegue, assoprando janelas, escorrendo mistérios, revolvendo se-

gredos, invocando manuseio...

Alex Carrell anotou: "Quaisquer que sejam as tendências ancestrais, cada indivíduo é impelido pelas condições de seu desenvolvimento, na rota que o conduzirá, seja para o pico das montanhas solitárias, seja para o flanco das colinas, seja para a lama dos pântanos, onde se agita a humanidade"

A memória é grande auxiliar e um inestimável espelho social. Como ela faz falecer e escarnecer os presunçosos, os avarentos, os potentes odiosos! E como ela relembra e alardeia os simples, os operosos, os magnânimos, os dotados de espírito coletivo, ainda que desprovidos de nomeada, de bustos e homenagens públicas.

Convive-se assim com a imprevisibilidade, a mutação de fenômenos e fatos. Ídolos e estátuas erguidos pomposamente e daí a tempos esboroando ao chão. Reputações que oscilam. Poderes e posses que mudam, rapidamente, de mãos. Orgulhosos, cujos arroubos e falácias se perdem por esquinas. Conceitos secularmente enraizados que estiolam, fatos e feitos incógnitos que afloram. Como diz o axioma: "Quando julgamos saber todas as respostas, a vida muda todas as perguntas"

AO PÉ DA FOGUEIRA

O TOMADOR DE EMPRÉSTIMO

Empresário da área de construção civil na vizinha cidade de Bom Sucesso, nosso conterrâneo resolvera encerrar suas atividades mercantis. Passar o negócio para terceiros. Firma negociada, de posse agora de um bom capital, temeroso de aplicá-lo em instituições financeiras (épocas de confiscos de poupança e de dinheiro em conta corrente por parte de governantes atrabiliários), decidiu por emprestar, ainda que todo ouvido e pruridos, a particulares. Enfim, e se possível, nas melhores mãos.

Eis que aparece, certo moço, de tradicional família da região, interessado em tomar emprestada uma considerável quantia. Indivíduo falante, vaidoso, jactancioso, de muitos negócios rurais, frequentador assíduo de rodas sociais. Nosso conterrâneo acaba por emprestar-lhe uma significativa importância. As coisas iam bem, inicialmente. Juros pagos, religiosamente, em dia. Passado algum tempo, eis que o devedor dá um chá de sumiço. Não mais aparece. Escafedera-se. Quando o faz, após insistentes recados do credor, é aquele sorriso amarelo, aquela conversinha de tirar boi do buraco, o café caiu de preço, que aguentasse a mão, a qualquer hora acertaria totalmente o débito. Juros, todavia, atrasados e acumulados. Capital, então, nem pensar. Nosso conterrâneo passa a temer o pior. Não tendo, até então, maiores e mais seguras informações sobre a idoneidade e capacidade financeira do candidato, no mínimo difusas, nosso conterrâneo busca informar-se junto a pessoas amigas, "entendidas", "por dentro" do mercado financeiro e patrimonial da cidade, dentre elas uma que militava nas áreas forense e bancária. Essa esclarece, com a mais fina ironia, ao nosso

conterrâneo:

- Mão melhor do que a dele, não há. Boa família, boa pinta, gente fina e, embora seus rolos, é controlado em seus negócios, tanto é que ele deve tão somente a duas pessoas...

- Quais? Interroga, curioso, um tanto quanto tenso, lívido, o nosso conterrâneo:

- Deus e Todo Mundo!....

IMAGEM: INTERNET



ADIVINHAS

1. Qual é o cúmulo da sede?
2. Quem é a prima da poesia?
3. Por que a comida foi presa?
4. O que vem antes da comida?

Respostas: 1- tomar um ônibus; 2- A prima; 3- Porque ele matou a fome; 4- a Fome;

Provérbios e Adágios

“Uma boa abelha não pousa em flores murchas”.
 “As palavras bondosas são como o mel: doces para o paladar e boas para a saúde”
 “Difícil é ganhar um amigo em uma hora; fácil é ofendê-lo em um minuto”
 “As más companhias são como um mercado de peixe; acabamos por nos acostumar ao mau cheiro”
 “Lembre-se de cavar o poço bem antes de sentir sede”

Para refletir:

- Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa. Capta essa outra coisa de que, na verdade, falo, porque eu mesma não posso (Clarice Lispector)
- Toda a gente é capaz de sentir os sofrimentos de um amigo. Ver com agrado os seus êxitos exige uma natureza muito refinada (Oscar Wilde)
- Você pode não gostar daquilo que eu sou, mas isso é tudo o que eu tenho a oferecer (John Powell – “Por que tenho medo de lhe dizer quem sou?”)
- Para ser grande, sê inteiro; nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes. Assim, em cada lago, a lua toda brilha, porque alta vive (Fernando Pessoa)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Julia Francisca Vasconcelos

E-mail:

credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Julia Francisca Vasconcelos Santiago

Realização:



Patrocínio:

EletrôMóveis



COOPERBOM

Apoio Cultural:



MINAS:

INTERESSE DESPERTADO PARA A NOSSA HISTÓRIA

Percebemos e assistimos claramente o surgimento do interesse pela história regional e pelos valores da mineiridade. Um despertar, ainda que incipiente, tímido, mas acompanhado do resgate de nossa autoestima, mormente para pequenas comunidades e para o cidadão comum. Uma aproximação e apropriação da realidade local. Algo salutar, pois nos permite o reconhecimento de nosso passado, os processos de formação de nossa identidade, de nossa nacionalidade e, no nosso caso, de nossa tão grata mineiridade.

Filmes, livros, obras literárias e de pesquisas, documentários têm trabalhado a riqueza, a profundidade e profundezas de nossa memória. Novos campos de pesquisas são desbravados, novos veios bateados por estudiosos, conceitos tradicionais são revisitos, reavaliados, novas abordagens que buscam melhor conhecer os meandros de nosso valioso passado. Temas como sexualidade, medicina popular, intimidades pessoais e costumes familiares, até feitiçaria são hoje objetos de avaliação e incorporação.

O conceito clássico de que a economia mineira assentava-se exclusivamente na mineração acha-se superado e podemos compreender, pela ótica atual, que nossa economia era extremamente diversificada, dinâmica, envolvendo segmentos como agricultura, pecuária, comércio, artesanato e ofícios mecânico-manuais.

Outra constatação é que Minas não parou no século XVIII ou ao longo do período colonial e da era pós-independência. Maior polo econômico e centro gravitacional da Colônia, Minas ainda é um celeiro histórico vivo que continua merecendo e tornando-se privilegiado e fascinante laboratório, para pesquisas e ademais uma fonte inspiradora e realizadora de empreendimentos econômicos e produtivos locais nas áreas de artesanato, turismo, gastronomia, agroindústrias. E se pequenas comunidades, dentre tantas a nossa, desejarem se desenvolver e se fortalecerem adequadamente, necessariamente terão que se estruturar social e economicamente a partir de suas raízes, tradições e valores históricos.

SABORES MUSICAIS DE NOSSA TERRA

São Tiago, a terra do café com biscoito, terra de uma culinária tipicamente mineira, é também a cidade da boa música e dos bons bailes.

A história nos fala dos famosos bailes que ocorriam nas festas de agosto, de julho e também nos casamentos.

Quem teve a oportunidade de conversar com seus antepassados, certamente, ouviu essas histórias, principalmente o antigo costume de fazer do baile uma celebração, nos casamentos, nas bodas e em outros acontecimentos.

Hoje, a viagem de núpcias ou lua de mel. Ontem, o baile e a banda de música homenageando os corações apaixonados.

Os bailes, na noite do casamento, ocorriam na residência da família ou também no Salão do Béco, na casa do Zeca da Licota, no Salão Azul do Juca do Sabino, na “casa da esquina” (de Dona Buzica), na “casa do pombal” (na praça) ou na casa de algum parente dos noivos.

Os famosos bailes de agosto aconteciam no Grupo Afonso Pena, no Cinema (de tantas lembranças), na casa do Sr. Joaquim Campos, no Salão do Béco (antiga residência do Capitão João Pereira), hoje em ruínas.

Sempre aos finais de semana, um baile popular, como hoje acontece no Magnata Clube, realizava-se também no Salão do Béco ao som dos violões, sanfonas, bandolins e pandeiros de Mário Capim, Gugute, Langa, Nhô, Carlos Almeida, Zé Garrafinha, Zé Almeida, Valdemar Almeida, Lazico do Zé Bruno, Vanderlino, Pedro da Aniceta, João do Afonso, Sr. Dico, Paulo do Gugute, Joaquim Policarpo, Onorico e outros.

Nos salões do Grupo, do Cinema e do Joaquim Campos, além de músicos da cidade, vinham as famosas orquestras de Santo Antonio do Amparo, Carmópolis, Itaguara e outras.

Moças e rapazes bem vestidos, ambiente austero, pouca bebida e muita dança. Era assim.

Hoje a festa continua...

Não mais os bailes de casamento, nem das festas de agosto, mas das festas de julho e de datas tradicionais celebradas na cidade.

Aqui nos encantam as orquestras importadas das mais diversas regiões, mas nenhuma tem o encantamento, a magia e a pulsação das nossas atuais bandas.



Diga-se de passagem o recente “Baile dos Pais”, dia dez de agosto.

O que se viu e se sentiu foi a interação de uma banda, genuinamente são tiaguense, com um público seletivo de dançarinos e amantes da boa música.

A cada seleção apresentada mais se percebia o entusiasmo dos músicos e da plateia. Foram horas de descontração, de lazer sadio, de saudades e de valorização dos nossos artistas músicos e vocalistas.

Momentos que ficarão na lembrança. Entre tantos acordes e melodias maravilhosas, por parte de toda equipe, registro “granada”, no grande show da noite.

Parabéns a todos os músicos e vocalistas que nos encantaram naquela noite já saudosa.

Parabéns também à Direção da Sede Social Santiaguense e Magnata Clube que não deixam a comunidade sem o lazer que ela mais aprecia – o baile.

São Tiago é terra querida e abençoada, regada a tradições de saberes e de sabores. É terra de boa música e da boa prosa.

Que venham outros bons bailes.

Gairu
Membro do IHGST
11/08/2013



O CARRO DE BOIS



Talvez, no passado, nenhum veículo terrestre tenha prestado tantos serviços à humanidade quanto o carro de bois e suas variações (carroções, carretas). Denominado “boeiro” em Portugal, “carreta” na região dos pampas gaúchos e “cambona” em outras partes do vasto interior brasileiro, o carro de bois era já conhecido e largamente utilizado por povos da antiguidade: hindus, chineses, babilônios, caldeus, hebreus, fenícios, dentre tantos. Levado à Europa, chegou, enfim, no bojo das caravelas, à América, introduzido pelos colonizadores.

Nos primeiros tempos da nossa colonização, séculos XVI e XVII, o carro de bois mobilizava a maior parte do transporte terrestre, conduzindo a cana nos engenhos de açúcar, levando pau brasil, especiarias, cereais e produtos agrícolas até o litoral e daí retornando com material de construção, utensílios, ferramentas e outros artigos, como o tecido, o sal, a pólvora, para as fazendas e pequenas povoações interioranas. Era o carro de bois o meio de transporte para famílias e fretes entre povoados e o meio rural e, por vezes, a única modalidade de condução local. Exatamente, nesses veículos de rodas, maciçamente barulhentas, é que famílias inteiras iam à vila ou arraial aos domingos e nos dias de festas, sobretudo Páscoa e Natal. Era verdadeiramente um carro patriarcal, no dizer de Ferdinand Denis em sua obra “Brasil”, pág.370. Saint Hilaire igualmente se refere à importância do carro de bois, em sua obra “Viagens às nascentes do Rio São Francisco”, págs. 97/98: “Desde Piun-i até a Fazenda de Dona Tomásia, tive diante de mim a Serra da Canastra, que se elevava ao longe com imponente regularidade. Não vi, durante o percurso, nem casas nem plantações. Em compensação, encontrei várias carroças atreladas a três ou quatro pares de bois, que levavam as famílias ao arraial para a festa da Páscoa. No sertão, onde as fazendas ficam geralmente muito afastadas da paróquia, somente os homens vão ao povoado regularmente durante o ano, mas por ocasião das duas grandes festas, Natal e Páscoa, a família inteira empreende essa viagem. Mulheres e crianças são metidas dentro dos carros de bois e elas passam alguns dias na casa que possuem no arraial para em seguida retornarem à fazenda.

As carroças nas quais são feitas essas viagens são as mesmas usadas pelos agricultores de algumas partes da Comarca de S. João del Rei, que não são muito montanhosas, para o transporte de seus produtos. (...) essas carroças são semi-elípticas e com duas rodas quase maciças. Uma grande esteira é presa a compridos paus, fechando o veículo na frente e deixando-o aberto atrás, como um carro triunfal. O assoalho é forrado com ‘couros de boi’

A partir do século XVIII, com o surgimento das tropas de burros, o carro de bois viu reduzido o seu secular papel. Era o surgimento do ciclo dos tropeiros, também importantíssimo para o desenvolvimento nacional. Os muares, mais ágeis e leves, utilizavam-se de trilhas íngremes e de praticamente qualquer tipo de terreno irregular, relegando ao carro de boi atividades cada vez mais confinadas. No final do séc. XVIII, surgiram os cavalos, empregados na tração e empuxo de carroças, carruagens e para deslocamentos humanos. Dessa forma, o uso do carro do boi restringe-se hoje a poucas propriedades e ainda a isoladas regiões para o transporte de produção agrícola e outros itens. Pelo seu valor cultural, confeccionado por exímios artesãos (carapinas e marcheteiros) é homenageado em diversos festivais e encontros Brasil afora⁽¹⁾, sendo objeto, ademais, de colecionadores e decoradores em residências, mansões, pousadas. É tema literário e musical, letras de muitas canções sertanejas, como o clássico “Boi de carro” cantada pela dupla pioneira Tonico e Tinoco.

NOTA:

(1) Na região temos o famoso Festival de Carro de bois em Ibertioga, em Resende Costa (Comunidades do Cajuru, Ribeirão Santo Antonio, Curralinho dos Paula, Povoado dos Pintos e Distrito de Jacarandira) e agora em 2013, São Tiago realizou o seu I Festival e com muito brilhantismo.

PEÇAS E ACESSÓRIOS – O carro de bois, geralmente confeccionado com madeira especial (cabreuva, jacarandá), uma verdadeira obra de arte e engenharia, exige noções de cálculos, simetria, conformações, compondo-se de grande número de partes e peças, com nomes característicos:

Aguilhão (ferrão) – a ponta de ferro da aguilhada. A vara de ferrão, constituída de uma haste roliça de madeira, geralmente de peroba, em cujo encastoo (ponta) são fixados um ferrão e às vezes um chocalho de pequenas argolas. A ponta de ferro (ou de aço) com que se armam os aguilhões é denominada choupa.

Argolão – serve para engatar os bois para puxar o carro para trás, quando encalha

Aro (anel da roda) -para garantir maior resistência

Arreia – Respiga de madeira, de secção retangular e de perfil cônico, servindo para travar partes do carro, como na roda e na mesa

Azeiteiro (chifre de unto) – recipiente feito de chifre, com azeite para lubrificar o eixo, untar o chumaço, evitando que o eixo pegue fogo com o calor e o atrito da viagem

Braçadeira – cintas de ferro que prendem as pontas das chedas no cabeçalho

Brocha – haste, corda ou presilha de couro cru, que prende os canzís, na parte inferior, ao cachaço (pescoço) do boi

Cabeçalho – caibro que atravessa o carro de ponta a ponta, avançando até a frente, além do assoalho

Camba (pina) – peça curva das rodas do carro

Cambão (mochaco) – peça de pau que se junta ao cabeçalho do carro, quando este é puxado por mais de uma junta de bois

Canga (jugo) – peça de madeira que prende os bois pelo cachaço (pescoço) e os liga ao carro

Canistro – esteira que apóia os fueiros para conter a carga transportada

Cantadeira – cada uma das duas peças que nos carros de bois se encaixam no eixo e ficam em contacto com o chumaço

Canzil – cada um dos paus da canga, por onde se atrelam os bois pela cabeça

Carnal (corneira) – correia com que se prende a canga ao boi

Cavilha – cunhas de madeira que se introduz entre a cabeça e o meão, para firmá-lo e para que não escape ao rodar

Chaçó – peça da roda do carro com que se aperta os arcos

Chaveia (chavelha) – peça de madeira, também chamada espiga, que se encaixa no cabeçalho e onde se prende o tamoeiro

Chaveta – peça de madeira que prende a canga à tira-deira; também peça nas extremidades do eixo para fixar as rodas.

Charneira – parte ou junção de duas peças de madeira das quais uma é móvel (cambão e canga, p.ex)

Cheda (chazeiro) – pranchas laterais do leito do carro para compor a mesa e sobre a(s) qual(is) se enfiam os fueiros

Chumaço – peça de madeira sobre a qual gira o carro de bois e que produz o chio característico desses carros

Cocão – peça (mancal) sobre o qual gira o carro de bois

Craveira – orifício por onde se fixa o cravo



Cravija – barra de ferro que fixa o carro ao eixo dianteiro, facilitando-lhe os movimentos para os lados; barra de ferro que une a lança aos varais

Estrovo – peça de ferro que prende a 2ª junta à canga da 1ª junta

Eixo – formado por uma peça única

Espigas – furos do meão

Esteira (mais o caniço ou tampo) – feitas geralmente de bambu ou taboca

Dueiro (cambito) – estacas ou caibros roliços de madeira, colocados nos furos das chedas, para amparar a carga transportada. Em algumas regiões, é denominado “xalmas”, com o mesmo sentido: engradamento para segurar a carga conduzida.

Gato – chapas regulares de ferro que protegem as rodas

Mecha – furo quadrado, onde, através das espigas, é fixado o eixo

Meão – parte (núcleo) do meio da roda. É a peça grossa central da roda do carro, na qual se encaixa o eixo e assentam as cambas

Oca (óculos) – as duas aberturas ou perfurações redondas no meio das rodas do carro de bois.

Orelha –

Pegadeira (de corrente) – alça de ferro na ponta do cabeçalho

Pigarro – haste ou canzil de madeira fixada na ponta do cabeçalho, servindo de apoio do carro no solo, quando os bois são retirados do carro

Recavém (requebém) – parte extrema posterior do carro

Relha – peça de ferro do carro de bois para segurar as cambas e o meão

Roda – constituída por três peças: o meão, que é a peça central; duas cambotas (cambas), que são uma espécie de duas meias luas fixadas no meão, por intermédio das arreas; duas arreas, que são talas de madeira unidas, por intermédio dos furos abertos no meão

Rosário (agulhamento) – círculo de cravos de ferro, fixados na roda

Sedelho (sedém) – corda feita com os pelos da crina ou da cauda do boi, utilizada para reforçar o tampo e caniço das esteiras

Socairo – correia ou corda com que se sustém o carro nas descidas, preso num cabeço ou guincho e daí manobrado, soltando-se e recolhendo, de acordo com a manobra necessária

Soles – cambão a que se prendem duas ou mais juntas de bois

Tabuleiro – peça de madeira com fundo chato e rebordos, destinada a conter e/ou transportar a carga

Tamoeiro – peça central feita de couro para segurar o carro de bois às cangas

Timão – peça longa do carro a qual se atrelam os animais que os puxam; tiradoura

Tiradeira – correia ou corrente que nos carros de bois puxados por quatro animais, prende a canga dos da frente à dos do coice; corda ou relho que ata os cambões das juntas de bois

OS BOIS – Os bois (boiada) que puxam o carro, recebem denominações interessantes e peculiares. Após cangados, o conjunto de bois é chamado “fieira” ou “parelha”. Dois bois unidos por uma corda ou tira de couro entre os chifres, são chamados de “ajoujados”. Dois bois cangados são chamados de “junta” ou “parelha”. Os dois bois da frente são os “bois de guia”. Os dois bois, logo atrás dos bois de guia, são chamados “pés de guia”. Os bois que recebem diretamente o cabeçalho do carro, são chamados “bois de cabeçalho” ou “de coice”. Os bois colocados anteriormente aos bois do “coice” são chamados “bois de chavelha”. O sulco feito pelas



estradas, pelas rodas do carro, recebe o nome de “rilheira”.

O carro de bois é comandado pelo carreiro, homem prático encarregado e responsável pela direção, cuidados, diligências dos bois; é ele, por sua vez, auxiliado pelo candeeiro, em tempos antigos geralmente um menino. Para comandar, os carreiros utilizavam-se de uma linguagem especial, em que todos os bois tinham nomes e estes os assimilavam bem e entendiam ordens – geralmente expressões e interjeições típicas – “Fasta!”, “Vem!”, “Oooaaa!” (esta no sentido de “parar”).

Os carreiros valiam-se de artifícios para cativar os bois de carro, fazendo-se familiar, adquirindo-lhes confiança, mediante afagos, interjeições, “conversas”, fornecer-lhes espigas de milho ou outros alimentos levados à boca. Era o que se chamava “calancear” o boi, verbo ou expressão que parece não ser catalogada ainda.

Antonio de Lara Resende em suas “Memórias I – de Belo Vale ao Caraça”, capítulo “João Vieira, o desbocado”, faz referências a esse famoso carreiro de bois e ao seu candeeiro e filho Artur, moradores da Lage (Resende Costa) e vizinhos da família do memorialista. Eram eles, os Vieiras, pai e filho, sobejamente conhecidos e temidos por todos pelo desbocamento, “os xingamentos mais sujos e indecentes de que se possa ter notícia no mais sujo dos mundos da sujeira”. “Ao se aproximarem eles de nossa casa, as janelas eram fechadas e nós mandados lá para os fundos.”

“Quando é que Deus porá um freio na língua destes homens? Quando haverá polícia nesta terra”? Eram exclamações que ouvíamos em casa, toda vez que os dois Vieiras, pai e filho, passavam com o seu carro, puxado por uma dúzia de bois magros, trançando pernas e a impregnar os ares do rechino monótono e tristonho, só entrecortado pelos baques e solavancos nos buracos e acidentes das ruas e pelas gritadas escabrosidades com que xingavam os bois e se tratavam, pai e filho.

Os carreiros nos afugentavam com suas indecências – termo este mais corrente - enquanto o rechinar das rodas, friccionando o breu dos cocões ou mancais e a mansuetude da boiada a ruminar e babar pachorrenta, superior a tudo que ouvia, nos espicaçavam a curiosidade e nos atraíam para cima dos muros, se para lá conseguíamos escapar da vigilância paterna” (págs. 142/143).



MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS REGIONAIS: QUIMBETE, CATUPÉS E MOÇAMBIQUES

NOSSA REGIÃO – aliás, como toda a nação brasileira – dado o seu processo de colonização e formação étnico-econômica⁽¹⁾, sempre foi pródiga em manifestações culturais. Danças, folguedos, ritmos sempre fizeram parte de nosso cotidiano, desde os primórdios. Incluem-se, ademais, lendas, festas, mitos, bailados, superstições, usos, costumes, hagiologia, culinária, anedotário, enfim revelações, registros e repertório daquilo que nos foi/é característico, pitoresco e que fixa sobremaneira a nossa cultura. Perderam-se muitas dessas manifestações, por falta de apoio e sensibilidade social quanto à sua preservação, pela ação do êxodo rural e interiorano que, durante décadas, esvaziou nossos rincões (o apelo das grandes cidades, a carência de oportunidades de vida local, a incúria e a crônica incompetência das autoridades, a inoperância e a omissão de investidores e empreendedores), ao lado do latente preconceito e intolerância dos poderosos para com as culturas afroameríndias.

Algo de positivo e auspicioso, no entanto, está ocorrendo. Há uma sensível preocupação quanto à necessidade de revitalização de nossas raízes, nossas tradições, interesse, ainda que mínimo, em redescobertas de valores, da memória coletiva. Nossa região se reveste, por isso, de interrogações, de “assunções”...

Temos abordado, em nossas singelas páginas, quanto à recuperação e o fortalecimento dessas nossas expressões culturais, folclóricas, um trabalho que nos envolve a todos: autoridades, instituições sociais, poder público, sociedade.

Percebe-se já alguma movimentação. Grupos de folias de reis, pastorinhas, encomendação de almas são ativados, mencionados, no mínimo “enxergados”. Temos insistido, outrossim, na recuperação de tantas outras manifestações populares e correntes no passado da região, como a catira, a cavalhadas, folguedos infantis, etc.

Algumas revelações culturais de nosso passado, quiçá com resquícios ainda em nosso meio, são mencionadas por memorialistas e historiadores de nossa região e que aqui passaremos a comentar, em particular quimbete, catupés e moçambiques, catalogadas pelos folcloristas como “danças dramáticas”, dada a proeminência e a importância da coreografia e do impacto, sobretudo, dos instrumentos de percussão.

QUIMBETE – Segundo Câmara Cascudo, trata-se de “dança de origem negra em Minas Gerais”. O Prof. Antonio Gaio Sobrinho em suas excepcionais “Memórias de Conceição da Barra de Minas” (pág.139), registra a ocorrência do quimbete e que pelo elevado significado cultural, ao lado do pitoresco e espirituoso, transcrevemos o relato na íntegra (box)

NOTA

(1) *A miscigenação racial no Brasil originou um povo multiforme em termos genéticos e de fofogenia. Franceses, holandeses, portugueses, nos primeiros séculos de colonização, em contacto com mulheres indígenas, geraram uma gente audaz, os mameluços que falavam uma língua geral, o nheengatu, mistura de português e tupi. Foi essa gente que, saindo do litoral e do planalto paulista, adentrou os sertões (acompanhando e até liderando as chamadas “entradas” e “bandeiras”), em busca de ouro, pedras preciosas e da captura de escravos indígenas para o trabalho nas roças. Desconhecendo o Tratado de Tordesilhas, empurraram e expandiram nossas fronteiras, gerando uma pais continental e determinando, sem dúvida, o futuro de uma nação colossal. Também outros povos, como galegos, judeus deixaram suas marcas.*

Principais tipos raciais brasileiros, produtos da miscigenação:

a) Caboclo (ou mameluco, ou cariboca ou tapuia) – mestiço de índio com branco

b) Mulato (ou pardo) – mestiço de negro com branco

c) Cafuzo (ou caburé ou carafuzo) – mestiço de negro com índio

O QUIMBETE – Viveu, outrora, em Conceição da Barra, um alegre casal de negros, Salvador e Ambrosina, no arrabalde conhecido como Mato das Cobras. Unidos na vida, unidos na morte. Uma noite – dormiam em quartos separados – escutou Salvador os gemidos de sua mulher e, tomando de uma lamparina, foi até a sua cama e encontrou-a agonizando. Foi-lhe tão grande o choque que, por sua vez, caiu para trás e ali mesmo morreu. No dia seguinte dois caixões levaram ao cemitério aquele simpático casal que, durante muitos e muitos anos, fez, com suas danças africanas, a alegria dos festejos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Mais uma vez, serviu-me de informante o profundo conhecedor de nossos casos, o Sr. Sebastião Mazzini. Contou-me ele que, nas festas do Rosário, Francisco Tibúrcio montava sempre uma enorme fogueira, ao lado da igreja, em volta da qual fogueira, Salvador e Ambrosina, revezando-se com outros casais de negros, dançavam, noite inteira, o Quimbete. Fui ao dicionário ver o que é quimbete e encontrei: “Quimbete – modalidade de batuque”. “Batuque – Nome comum a danças negras brasileiras acompanhadas de instrumentos de percussão.

Os instrumentos de percussão que animavam o “quimbete” de Salvador e Ambrosina, em Conceição da Barra, eram dois atabaques que, até bem pouco tempo, ainda se guardavam nas sacristias da igreja do Rosário. À sua cadência, regados de muita cachaça, Salvador e Ambrosina varavam a noite, admirados e aplaudidos por todos. Quando seus corpos, já muito cansados, não aguentavam mais, pediam tréguas, com estas palavras: “Acode, gente!”. Expressão que no seu jeito engraçado de falar soava da seguinte forma: “Cude, gente!”, cacó-fato que fazia os circunstantes morrerem de rir.

O “Quimbete” era sempre a coroação dos festejos negros em honra de Nossa Senhora do Rosário, depois dos Congados, das missas e procissões.

Nesse tempo, além do terno de congos de Salvador, havia também a turma do Procópio da Joana, na rua do “Quenta Sol”. Certa vez, o Congado do Procópio subiu ao Rosário com sua turma, sua bandeira e seu mastro, para fincá-lo em frente à Igreja do Rosário, exatamente, no “terreiro” de Salvador e Ambrosina.

As pretensões de Procópio, porém, esbarraram na resistência ciumenta de Salvador que só deixaria a turma do “Quenta Sol” fincar seu mastro no Rosário se tivesse ordem expressa do “cumpadre” Vigário.

Estavam nesse impasse, quando, desgostoso com a teimosia de Procópio, Salvador retirou-se, por alguns instantes, para junto da porta lateral da igreja, onde, de joelhos e mãos postas, fez benzeções e rezas fortes, para que o caso se solucionasse sem maiores contrariedades. E como, com rezas fortes, não se brinca, quase imediatamente, um enxame de marimbondos circundou o mastro de Salvador, afugentando providencialmente os invasores do Quenta Sol.

Procópio ainda tentou junto ao Padre João um jeitoinho para fincar o seu mastro no Rosário. Mas foi em vão. O inteligente vigário respondeu-lhe que fosse armar sua festa junto da igreja de Santo Antonio, que no Rosário quem mandava era mesmo Salvador e Ambrosina.

CATUPÉS – “Préstido dançante de negros em Minas Gerais (...) Modalidade de congos, mas praticamente sem enredo. Função exibicional no carnaval e que, outrora, possivelmente esteve ligado ao séquito dos festejos religiosos, novenário do orago, comemoração do Divino, N. S^a do Rosário, etc. Os Reis e a Corte, espetacularmente adornados, desfilam, com lances coreográficos ao som de pandeiros, reco-recos, sonoros” (Luis da Câmara Cascudo, Dicionário do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro, Ediouro, 1969, pág. 400)

Manifestação expressiva em nossa região, o catopés aparece mencionado pelo escritor resendecostense, Gentil Ursino Vale, em sua obra “Estrelas cadentes – memórias” (Divinópolis, Sidil, 1993). Faz referências ao personagem “Vicente Rita”, “negro alto, com talvez um metro e noventa de altura. Magérrimo, um autêntico varapau. Perdera uma vista num trabalho que fazia e usava, para lhe compor a aparência, uma rodela de pano preto sobre o olho carente, segura por uma tira de pano que amarrava atrás da cabeça. Sua mulher fora lavadeira de minha mãe(...) Vicente Rita era figura importante durante a festa de Nossa Senhora do Rosário. Capitão de um terno de catopés, dirigia, com seu apito, bom número de figurantes” (pág. 67, op.cit)

Outra referência do mencionado escritor, encontramos em sua obra “Escavações no tempo” (Divinópolis, Artes Gráficas S. Antonio, 1984, pág. 38): “Era véspera da festa de Nossa Senhora do Rosário. No silêncio da noite, a gente ouvia o baticum das caixas surdas, nos ensaios dos terços de catopés e moçambiques. Suas cantigas vindas do Beira-Muro, fracas pela distância, misturavam-se aos gemidos do vento. Que saudade!”

MOÇAMBIQUES – Bailado popular, lúdico e votivo, com participação em festejos religiosos do Divino, N. S^a do Rosário, São Benedito, etc. De origem africana, cultivado pelos escravos mineiros nos sertões e minas d’ouro; porém, praticamente nenhum elemento original e tipicamente africano sobreviveu nos dias atuais. Hoje “nacionalizado”, descaracterizado. Segundo pesquisadores, inicialmente tinha o bailado negro característico, com rodas, em fila ou volteados, canto uníssono, figuração de um solista ou par, a sequência cadenciada da umbigada, batidas dos pés, etc.

Observam-se os dançarinos desenvolvendo uma coreografia dinâmica, vistosa em filas convencionais ou arabescos e rondas, entrechocando bastões – que



são milenares reminiscências de lutas de espadas – simulando pejejas, em provas de equilíbrio e precisão. Envergam túnicas azuis (ou vermelhas), cintadas, capacete ornamentado de fitas, jarreteiras de guisos conhecidos como “paias” ou “maçaquaias”. Os instrumentos musicais utilizados são de percussão, podendo aparecer ainda conjuntos ou grupos de violas, violão, rabeca, cavaquinho, etc.

OUTRAS REVELAÇÕES FOLCLÓRICAS REGIONAIS – Há referências ainda a outras manifestações culturais em nosso meio, em idos tempos, como o cururu, o bate-paus, batuque (carimbo), dança do café, várias delas praticamente extintas e que aqui procederemos a curtos comentários.

CURURU

Misto de dança e canto, de cunho religioso, em improvisado desafio (“trovação”), encenada geralmente diante de altares, cruzeiros ou em praças públicas. Componentes: Um puxador, que não faz parte do desafio; o “pedestre” que inicia as “carreiras” (rimas) e a “linha” (a maneira ou tom em que se deve cantar) e a quem compete também o encerramento. Cabe ao “pedestre” ainda a função de referenciar cada cantador ao final do cururu. Nas “carreiras” de Santa Cruz, as rimas são em uz; nas de São João em ão. Há outras “carreiras” catalogadas: das Sagradas Escrituras, Jesus Amado, São Pedro, São Paulo (muito difíceis), São Salvador, do Dia, etc.

Partes do Cururu: “Louvação”, iniciando-se pelos oragos (santos), saudação ao povo e aos festeiros: “Arribada” é o canto inicial sem letra – lá-lá-lá-lá: “baixão” é o final de uma “carreira” (ex: lai-lai-lai-lai); “Cantar na folha” (cantar na letra, cantar na teoria) é o uso de motivos e temas das Sagradas Escrituras, da apologética, da vida dos santos, etc; “Batida” é o verso desafiando o adversário, fazendo-lhe perguntas; “Cururuzeiro” é o cantor do caruru, cantam geralmente de dois, sendo que um companheiro faz a segunda voz. O cururuzeiro mais ovacionado é o vencedor. Cantam quadras, sextilhas, décimas, com liberdade de ritmo fiel à viola. Vocabulário recatado, policiado, por ser dedicado a um santo. “Canturião” é o bom cantor e “canturino” o iniciante. Instrumentos utilizados: viola, geralmente de cinco cordas duplas. Foram observados outros instrumentos acompanhantes: caracaxás, pandeiro, violino, tamborim, marimba, etc.



Dança em duas filas, em que os pares se revezam, fazendo, ao final, uma grande roda. Segundo os estudiosos, trata-se de uma coreografia de origem jesuítica, de fins catequéticos. Outros, como Mário de Andrade, dão-lhe uma origem ameríndia e há os que lhe atribuem origem portuguesa (a mais provável). O nome “cururu” seria uma deturpação semântica, por parte dos indígenas, da palavra “Cruz”.

BATE-PAU – dança com pares formados em círculos, dirigida por dois violeiros ou sanfoneiros, no centro da roda. Os figurantes (dançarinos), sob o comando de um mestre, denominado “macota”, seguram bastões com ambas as mãos e com eles simulam combate. Fazem também marcação, com a batida ritmada dos bastões no chão.

Manifestação conhecida em nosso meio, na região do Capão das Flores, onde havia, aí pela década de 1970, um grupo dirigido pelo sr. Geraldo “Melado” e que, com seu falecimento, segundo consta, acha-se inativo.

DANÇA DO CAFÉ

Representação coreográfica dos movimentos executados pelos trabalhadores durante a colheita e o beneficiamento do café: apanhar, peneirar, amontoar, varrer, pisar, ensacar, etc. Essa modalidade de dança era comum, entre nós (assistimos a uma apresentação em Passa Tempo, na década de 1960), e hoje acha-se esquecida.



Quando três mais três são nove

Insone, enervado, cabeça em brasas, o Coronel Sula ainda não se deitara naquela comprida e interminável noite. Andava de lá para cá, de cá para lá, na longa varanda da sede da fazenda. Lá fora, como que parodiando o que se passava na mente do poderoso fazendeiro, o breu da noite entremeado de relâmpagos – que o temporal ameaçava desabar – acompanhados pelo uivo assustador de lobos pela pradaria.

Homem rico, destemido, latifundiário, senhor de tantos mundos e fundos, por terras e serras do Ouro Fino e Içara, achava-se agora ante difícil drama familiar e que necessitava ser desatado rapidamente, sob pena de ampla e desabonadora repercussão social. Mexericos a arranharem a reputação familiar e que desembocariam num escândalo, enfim, de todo tamanho. Tempos em que temas que envolviam honra, em particular ligados à mulher, eram tratados de forma preconceituosa e exigiam respostas até de sangue.

E o assunto chegara, assim de manso, evadido na cozinha, no srateiro, no cochicho, no medo do falante, aos ouvidos do coronel. O efeito, contudo, fora de uma bomba, um torpedo, um terremoto!

Achava-se, em suma, o coronel ante um complexo enigma e um colossal quebra cabeça. Possuía ele três irmãs solteiras e mais jovens (Siá Chica, Mariana e Domitildes) que, por razões de herança, eram igualmente senhoras de consideráveis terras, por elas pessoalmente exploradas – criações de gado, lavouras – com a ajuda de camaradas e peões. Eram elas, sem nenhuma reserva, belas e exuberantes sertanejas, a que se aliavam a robustez, a predisposição para o árduo trabalho do campo. Cuidavam do gado, cavalgavam, zelavam os tapumes, plantavam e colhiam lavouras nos duros campos. Eram ainda respeitadas artesãs, além de tarimbadas cozinheiras e quitandeiras.

É que Siá Chica, já trintona, viçosa e airosa sempre, flor ímpar e perfumosa daqueles campos, achava-se de barriga, grávida em todas as formas e conformes. O autor da arte, JM, casado, trabalhador ali a dia, naqueles papos de oito, nos soslaio, nos relas e trélas, nas liberdades e herdades que foram se abrindo, descosturados peitos e respeitos, na disponibilidade de farto leite e leite e eis o resultado: filho feito, já com três meses de ventre. Tão logo consignado o estado de graça da fazendeira, escafedera-se, saíra de fino, tomara chá de sumiço, o façanhudo tirara de todo o corpo fora...

Assim chegara o delicado assunto até o coronel. E que comprovara de olhar e até de tato o fato. O que fazer?! Como encontrar uma solução caseira, conciliando-a com os rígidos e por vezes hipócritas preceitos e preconceitos da época, que rejeitava mães solteiras e relações fora do casamento?! E a terrível pecha de bastardo legada à inocente criança? Eis o dilema do ensimesmado, taciturno coronel naquela convulsa noite.

Veio-lhe um lume, acesa luz firmando-se entremeio aos coriscos do cérebro e aos relampejos da turva noite. Na manhã seguinte, lembrando-se enfim, iria procurar o primo Zé, um parente até então solteiro, meio desgarrado e à parte da família, residente, pelas bandas do capão, coisa de umas duas léguas de distância.

Arreia, madrugada crescente, a mula e amanhece no sitiozinho do primo, que se assusta e se assunta com a presença do parente rico e tão poderoso, respeitado por todas distantes quebradas. Mas que jamais pusera nariz e pés por aqueles ermos e termos. Feitos os cumprimentos de praxe, o coronel vai direto ao assunto.

- Primo Zé, muito me preocupa e a todos da família, você aqui morando sozinho, com todas as dificuldades, idade vai subindo, macacoas vão aparecendo, por isso venho fazer-lhe uma atraente proposta:

Você casar-se com Siá Chica...

O sitiante logo retruca, numa marcante lamúria:

- Sou pobretão e “vancês” são ricos...

- Ora, você quer negócio melhor, primo Zé?! Juntar o patrimônio dela com o seu, com a disposição de trabalho dos dois e logo você vai aprumar... será um dos maiores fazendeiros da região e vai fazer sombra e inveja a muita gente, a toda essa vizinhança que hoje sequer o enxerga...

Primo Zé entusiasma-se com a ideia, arregala os olhos, uma volúpia de prazer e poder assoma-lhe a mente e já, dia seguinte, com a anuência e as bênçãos do coronel Sula, já estava ele em casa de Siá Chica, iniciando-se um namoro que iria se prolongar por três meses.

São agilizados e realizados os esponsais. Para muitos que se surpreenderam com o súbito enlace, a afirmação de que já tinham uma queda antiga um pelo outro. Festas com fartura e barulho, reunindo parentalha, amigos e moradores das cercanias e que se encerraram com um formidável baile caipira. Sobre a noiva já grávida – e de outro – nada fora dito ao simplório primo e consorte, talvez bastante finório, pois estava se apossando de largo patrimônio...

Para despistar a já acentuada barriga da noiva, utilizou-se uma baeta, uma espécie de cinta ou espartilho de felpos de lã, que comprimindo a região do abdômen, disfarçava o já adiantado estado de prenhez.

Mais três meses e choro solto de criança espalhava-se por todos os cômodos da fazenda, que, naqueles tempos, parto era em casa, sob a assistência de experientes parteiras das redondezas. Alguém soprara aos ouvidos do marido:

- Zé, essa criança não é sua. Tem somente três meses que vocês se casaram...a menos que você tenha feito o serviço, provado o banquete bem antes...

Primo Zé vai se queixar ao coronel:

- Vancês me passaram prá trás. Estão inzonando de mim, me chamando de chifrudo, pois como pode uma criança nascer com apenas três meses de ajuntamento...

O coronel soltou uma sonora gargalhada, sacolejando a cabeça para trás. Uma cachoeira de risos. Era ele um homem respeitado, bajulado, temido, a que ninguém, em seu círculo, ousaria contrapor-se ou contestar qualquer decisão ou opinião. Sua palavra era lei. Herdara poder e brios de seu pai, que fora da guarda nacional e ator de revoltas e guerras dos tempos do Império.

- Primo Zé, você hoje é um homem rico, de respeito, um senhor fazendeiro. Esse pessoal não sabe fazer conta, é tudo bronco e falador... Estão é com inveja doída e babada de vossamecê, que fez um ótimo casamento, ganhou nobreza: mulher bonita, trabalhadeira, esse mundão de terras, gado e lhe dando, de cara, um garotão forte como herdeiro...E que, decerto, virão outros...

E completou, pigarreando, dando por encerrada a controvérsia:

- Por falar em filho, e para desmascarar esses faladores, homem inteligente e matemático que vossamecê é, vamos fazer as contas. Vai somando aí, primo Zé: Siá Chica não namorou com vossamecê três meses?

- Ahm....

- Vossamecê, por sua vez, não namorou com ela também três meses?

- Ah, sim....

- Não tem três meses que vocês se casaram?

- Tem sim, coronel

- Então, primo Zé, somando tudo: três meses de namoro dela com vossamecê, três meses de namoro de vossamecê com Siá Chica e três meses da data do casamento até o nascimento da criança são nove.... Nove meses, primo!!!

E vossamecê ainda dando ouvidos a fu-xicos!...Era só que faltava, primo Zé...



NOTA – Sobre o “Coronel Sula”, ver a matéria: “Para cada ocasião, um discurso” em nosso boletim edição nº XXVII – Dezembro/2009.